

## **O PROCESSO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO MATO GROSSO DO SUL E O INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO DE SUA MÚSICA REGIONAL URBANA**

### ***THE HISTORICAL PROCESS OF THE FORMATION OF MATO GROSSO DO SUL AND THE BEGINNING OF THE DEVELOPMENT OF ITS URBAN REGIONAL MUSIC***

Matheus Augustus Ribeiro Bento Souto<sup>1</sup>

2022

#### **Resumo**

Esse artigo tem como objetivo relatar o início do desenvolvimento cultural e musical do Mato Grosso do Sul, com enfoque no processo histórico de colonização da região e nos primeiros passos do desenvolvimento de uma nova música híbrida em sua capital, a cidade de Campo Grande, música essa que conta com influência de gêneros rurais, latino-americanos e também de gêneros urbanos, oriundos do processo de globalização. Para compreender o universo musical da região, deve-se considerar todo um contexto histórico, os povos que a povoaram, questões geopolíticas, os conflitos que se passaram, a influência dos países platinos e de fronteira, iniciando-se no período colonial brasileiro até o início dos anos 1960, e mais uma série de fatores que serão tratados nesse artigo.

**Palavras-chave:** Mato Grosso do Sul, Música Urbana, Música Regional, Pantanal, polca paraguaia, chamamé, guarânia.

#### **Abstract**

This article aims to report the beginning of cultural and musical development in Mato Grosso do Sul, focusing on the historical process of colonization of the region and the first steps in the development of a new hybrid music in its capital, the city of Campo Grande, music one that has the influence of rural, Latin American genres and also urban genres, arising from the globalization process. In order to understand the musical universe of the region, an entire historical context must be considered, the people who populated it, geopolitical issues, the conflicts that took place, the influence of the Platine and border countries, starting in the Brazilian colonial period until the beginning of the 1960s, and a series of factors that will be dealt with in this article.

**Keywords:** Mato Grosso do Sul, Música Urbana, Música Regional, Pantanal, polca paraguaia, chamamé, guarânia.

#### **1 A colonização do sul do Mato Grosso, questões geopolíticas, e o nascimento do sentimento divisionista**

Para que se possa ter compreensão acerca da música urbana desenvolvida no Mato Grosso do Sul, com destaque à produção musical da cidade de Campo Grande, a capital do

<sup>1</sup> Faculdade de Música Souza Lima – matheus\_souto@hotmail.com

estado, é necessário primeiramente o entendimento de vários elementos históricos, culturais, econômicos e sociológicos da região sul do Mato Grosso. Muitos desses elementos tiveram contribuição para o atraso de sua colonização e seu desenvolvimento econômico. Como base para essa pesquisa, será utilizado o livro “Enquanto este Novo Trem Atravessa o Litoral Central”: Música Popular Urbana, Latino-americanismo e Conflitos Sobre Modernização em Mato Grosso do Sul“, de Álvaro Neder. (NEDER, 2014)

Durante o século XVI, a região onde se encontrava o até então estado do Mato Grosso era ocupada por colonizadores portugueses e espanhóis que lutavam pela ocupação do território. Durante séculos, a região sul do Mato Grosso permaneceu praticamente desabitada, pois tinha fama de ser uma região violenta e perigosa. Somente no ano de 1719, a Coroa Portuguesa demonstrou interesse pela região norte do Mato Grosso, após ter sido encontrado ouro na cidade de Cuiabá. Ainda assim, a parte sul do estado se manteve esquecida pela coroa. Os índios Guaicurus e os índios guaranis habitavam predominantemente a área. Ambas etnias exercem forte influência na música feita no estado, principalmente nas letras, e também no processo de desenvolvimento identitário e cultural. (NEDER, 2014)

Seguindo para outro ponto importante da história da região, temos a Guerra da Tríplice Aliança (1865 – 1870), que possui um relevante papel a cerca dos debates pela divisão do estado que viriam a surgir a partir do final do século XIX. Historicamente uma parte do território que hoje pertence ao Mato Grosso do Sul, naquele tempo era território paraguaio. O Brasil incorporou em seu território, as áreas que hoje correspondem aos estados do Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina, e a Argentina anexou as atuais Províncias de Formosa e Misiones. A visão crítica desse processo se marca bastante presente nas canções dos principais compositores do estado, assim também como a influência de gêneros musicais paraguaios.

Figura 1 – Território paraguaio antes e depois da guerra da Tríplice Aliança

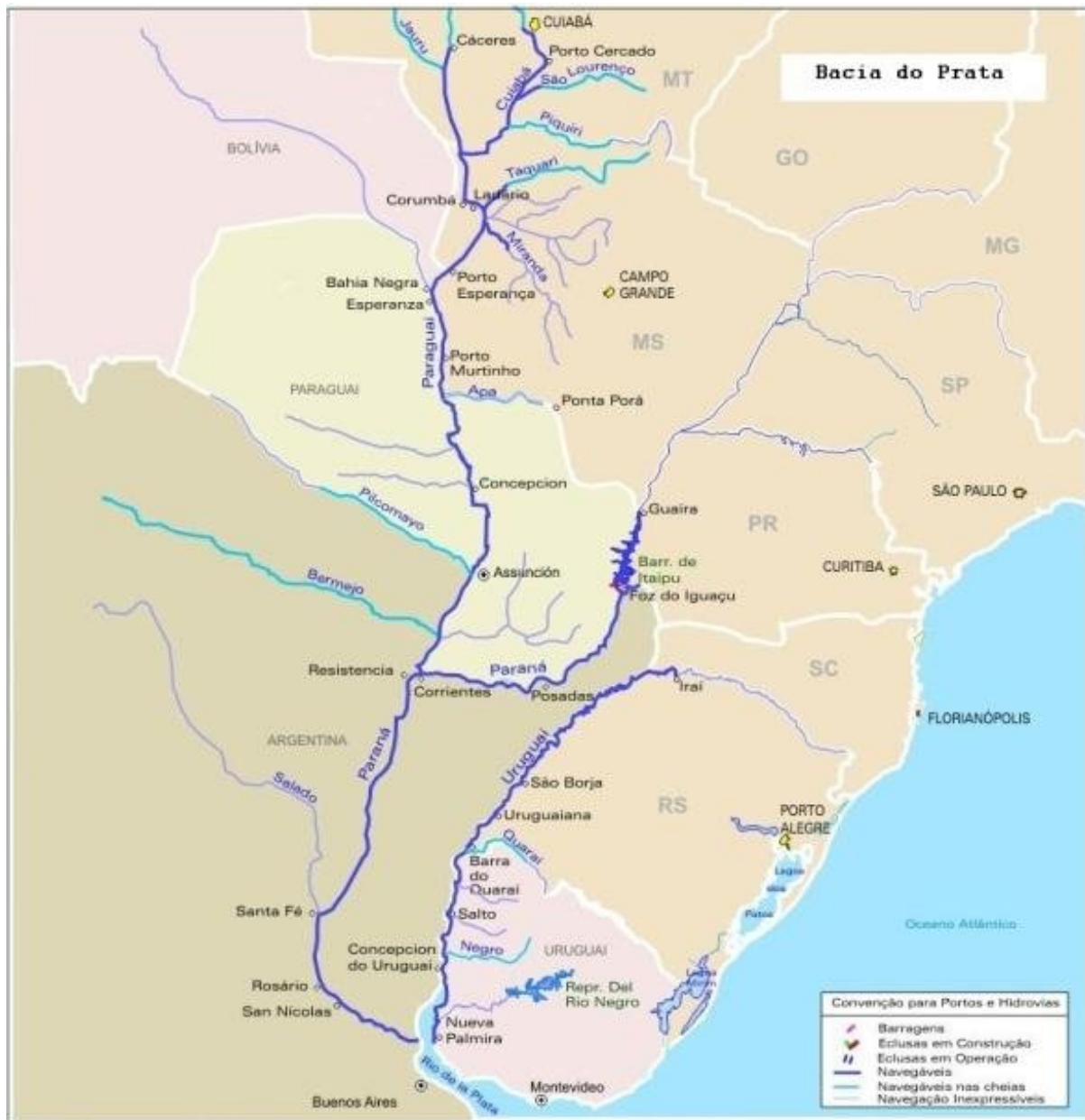
## Território antes e depois da Guerra do Paraguai



<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/150-anos-do-fim-da-guerra-do-paraguai-a-historia-do-conflito-armado-mais-sangrento-da-america-latina,268ada73b575dff61756ee0bde1d8ca9c8h0pqli.html>

A partir desse ponto, o rio Paraguai ganha bastante importância para a cidade de Corumbá e a região sul do Mato Grosso. Sua ligação com a Bacia do Prata possibilita o contato rápido, fácil e barato de Corumbá aos outros países da América Platina, o que teve bastante contribuição para o desenvolvimento da cidade no final do século XIX e início do século XX. A cidade passou a ser o principal centro comercial do estado. (NEDER, 2014)

Figura 2 – Bacia do Prata



Ministério dos Transportes, 2015 Org. FREITAS, Elisa Pinheiro de.

A questão geopolítica da região era complicada. De um lado, não havia ligações entre Corumbá e o centro administrativo do Império Brasileiro (Rio de Janeiro) por terra. Por outro lado, havia um contato mais próximo e facilitado com Assunção, Buenos Aires e Montevideu pela Bacia do Prata. É um ponto que deve ser considerado quando se estuda as relações entre o Rio Paraguai e a música feita na região. (NEDER, 2014)

Outro acontecimento que merece ser destacado depois do fim da guerra, é a instalação da Companhia Matte Laranjeira, uma empresa multinacional que arrendou uma parte considerável do território que hoje é o Mato Grosso do Sul, para explorar a erva-mate. Até o final do século 19, a erva-mate foi o gênero alimentício que mais conferiu receita ao

governo do estado de Mato Grosso. (SILVA, 2011)

Somado a esse fator, há também uma grande migração de colonos, principalmente vindos do Rio Grande do Sul, que serviram como Voluntários da Pátria durante a guerra do Paraguai. Durante a guerra, esses gaúchos tiveram contato com a erva-mate nativa produzida, principalmente na região de fronteira, e esse foi um dos fatores para grande migração para o sul de Mato Grosso. (NEDER, 2014)

O laço que havia entre a Matte e políticos influentes do governo de Mato Grosso, fez com que esses fazendeiros gaúchos associassem a empresa ao poder da região norte, e foi assim que nasceu o sentimento separatista. Os sulistas defendiam a ideia de que era preciso construir uma nova administração na região sul do estado, que pudesse atender e desenvolver os interesses daquela região, enquanto os nortistas eram contra essa ideia. (NEDER, 2014)

Com a chegada da ferrovia Noroeste do Brasil até Campo Grande, em 1914, a região norte do estado perdeu sua posição vantajosa que tinha em relação à região sul. O transporte pela ferrovia era bem mais rápido e muito mais eficiente. Ligava Campo Grande diretamente ao Rio de Janeiro e São Paulo, transformando Campo Grande numa protagonista na região. Palavras como "rio" e "trem", aparecem frequentemente nas canções feitas pelos compositores do estado, tanto de forma literal, quanto de forma metafórica (NEDER, 2014). A ferrovia também possibilitou conectar Campo Grande aos países vizinhos por terra, o que facilitou o intercâmbio cultural por parte dos principais artistas e compositores da região, principalmente a partir dos anos 1960. A partir da construção da ferrovia Noroeste do Brasil, a pecuária começa a ganhar força na região.

Com o aumento da receita gerada pela pecuária e a diminuição da receita gerada pela erva-mate, o eixo político-econômico progressivamente deixou de ser Cuiabá se tornou Campo Grande. (NEDER, 2014). Campo Grande a partir daí passa a se modernizar.

Ainda assim, havia uma ausência de melhorias no Sul por parte do governo estadual, além de impostos muito altos, fazendo com que o ideário divisionista se fortalecesse como nunca, e se tornasse um movimento organizado. O protagonismo nesse conflito de interesses passa a ser dos pecuaristas sulistas.

As correntes migratórias provocadas (pós) Guerra do Paraguai, fez com que um novo povo se formasse na construção da fronteira, como pensamentos, objetivos e ideais bem diferentes, que não tinham ligações com o passado histórico do Mato Grosso. Tivemos mineiros, paulistas, paranaenses, gaúchos, e a partir do século XX, japoneses, árabes e europeus, que formam o grande caldeirão que hoje é o povo sul-mato-grossense. (NEDER, 2014)

## 2 Gêneros musicais advindos da colonização da região e o processo de modernização cultural do sul do Mato Grosso

Durante a década de 1980, o compositor Paulo Simões, em parceria com a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, fizeram um trabalho de levantamento sobre a cultura musical sul-mato-grossense. Segundo Simões (SIMÕES apud NEDER, 2014, p. 62), em uma pesquisa realizada com entrevistados, se chegou a conclusão de que a influência mais forte é da música paraguaia, com seus compassos ternários e sua popularização através de ritmos como polca, rasqueado, chamamé e guarânia.

A influência da música mineira na música sul-mato-grossense é marcante nas áreas rurais, onde artistas como Tião Carreiro possuem grande popularidade (NEDER, 2014). Essa influência também está presente no estilo de Almir Sater, na forma de se tocar viola caipira.

Gêneros sulistas como a milonga, fandango e vaneirão também fazem parte do caldeirão cultural sul-mato-grossense. Até mesmo o chamamé, gênero nascido no Paraguai, na região de Corrientes, que depois se tornou território argentino, se popularizou no estado por conta da influência gaúcha. (NEDER, 2014)

A partir dos anos 1920, com o advento da rádio, Campo Grande passa por um processo de atualização cultural da música popular. Esse novo modelo cultural que estava se desenvolvendo era baseado na importação de música produzida nos grandes centros urbanos. (NEDER, 2014)

Temos em 1924, a criação do Rádio Clube de Campo Grande, marcando essa busca pela atualização musical do estado. O clube se tornou um grande ponto de encontro das elites e da classe média. Através do clube, a população que buscava ansiosamente por modernização cultural, conseguiu se conectar ao que acontecia nos grandes centros urbanos do país.

Em 1939, com um atraso de 16 anos do início da radiodifusão brasileira, chega a Campo Grande a primeira emissora de rádio da região Centro-Oeste<sup>2</sup>, a rádio Sociedade Difusora de Campo Grande (PRI-7), o que contribuiu ainda mais para a atualização da cultura no estado. Através dela, Campo Grande é inserida oficialmente na Era do Rádio. A rádio possibilitou a integração de zonas longínquas como Campo Grande com o resto do mundo. Assim foi possível ter os primeiros contatos com a música de origem europeia e norte-americana. (NEDER, 2014)

Além da Rádio Difusora, houve também a criação da Radio AM Cultura, em 1949, e mais adiante a Rádio Educação Rural, em 1960. Ambas tinham sua programação mais voltada a música sertaneja, e seu ouvintes eram em maior parte pessoas da zona rural, e

<sup>2</sup> Informação retirada do site <https://www.difusorapantanal.com.br/sobre>

também aqueles que saíram do campo que foram para Campo Grande, mas que não se identificavam com a música trazida de fora. (NEDER, 2014)

Havia um pequeno conflito na forma de se pensar como seria feita essa modernização cultural de Campo Grande. Por um lado havia as elites, que buscavam a modernização através da substituição do que era tradicional e típico pelo que vinha dos grandes centros metropolitanos. Por outro haviam as classes mais baixas, de vivência rural, que não estavam fechadas aos avanços tecnológicos, mas não queriam renunciar a sua cultura. Não havia até esse ponto, uma proposta musical que buscasse, de alguma forma, trazer os elementos urbanos, mas sem deixar de lado os elementos rurais característicos da região. (NEDER, 2014)

### **3 O desenvolvimento musical de Campo Grande nos anos 1960**

O meio musical campo-grandense nos anos 60 foi marcado pela grande presença dos conjuntos de baile. O grande destaque dessa década foi o Clube Surian, inaugurado em 1965 pela comunidade árabe (NEDER, 2015, p. 78), presente em grande escala em Campo Grande.

O compositor Paulo Simões, em entrevista realizada pelo autor, relata a importância dos conjuntos de baile do Clube Surian na formação de sua identidade musical:

“Havia a música dos conjuntos de baile, como os Geniais, liderado por Nascimento, que era o cantor do conjunto, e que contava também com Antônio Mário, um músico muito importante para a consolidação da música do estado, pois sempre tratou eu e o Geraldo Espíndola com muito respeito, mesmo sendo muito garotos na época. Tinha também o Zeca do Trombone, Mario Ramires, que tinham conhecimento de ‘jazz’ e bossa nova, que eles misturavam no repertório de baile. Considero esses músicos como meus gurus [...] Os conjuntos de baile ajudavam a trazer um repertório internacional com a vantagem de proporcionar um visual, numa época (pré) televisão. Uma coisa é você escutar “Love me Do” na rádio, outra coisa é você ver um grupo tocando ao vivo na sua frente. Essa foi uma escola. Outra escola foi através do professor de violão das minhas irmãs. Eu ficava acompanhando ele dando aula para elas atrás de uma cortina divisora que tinha entre a sala de estar e a sala de visitas. O repertório dele priorizava músicas do repertório do cancioneiro regional, como Chalana, e músicas de MPB da época. Então absorvi isso tudo, e passei a ouvir esses sons por conta própria.” (SIMÕES, 2021)<sup>3</sup>

Através das rádios, e da chegada da televisão, em 1965, com fundação da TV Morena, Celito Espíndola (ESPÍNDOLA, C apud NEDER, 2014, p. 84) relata que o jovem da época teve acesso aos Beatles, Jimi Hendrix, Rolling Stones, e toda a nata de artistas relacionadas à ‘flower power’ e a contracultura. O movimento da contracultura foi despertando

<sup>3</sup> Entrevista realizada pelo autor com o compositor Paulo Simões, no dia 16/10/2021, em Campo Grande-MS

o interesse dos jovens a buscar discursos musicais e verbais que iam contra os discursos hegemônicos. Foi a partir daí, que eles começaram a se interessar pela cultura latino americana, e valorizarem viagens pelo continente sul-americano. Uma nova importância é dada a cultura platina, e assim, os jovens artistas começam a experimentar misturar o 'rock' com gêneros característicos dos países vizinhos, como a polca paraguaia, guarânia, chamamé, marcantes pelo seu ritmo ternário.

Um trajeto de viagem comum e que fascinava essa geração de jovens, era o de Campo Grande a Cuzco, também para Lima e para a Bolívia, através do Trem da Morte, o que possibilitou que eles tivessem contato direto com a cultura desses países. Celito (ESPÍNDOLA, C apud NEDER, 2014, p. 86) relata que a viagem para esses países era algo muito comum entre a grande maioria dos autores de sua geração.

A música paraguaia, em destaque a polca paraguaia e a guarânia, e a música argentina, também tinham forte presença na rádio. Simões conta que as frequências de rádios paraguaias e argentinas eram captadas com qualidade, e continua a descrever a importância que a rádio teve no desenvolvimento de sua identidade musical.

“A família ia dormir, eu ia para a sala e sintonizava a rádio Excelsior e a rádio Globo. Dessa maneira escutei as coisas que estavam acontecendo, a atualidade sonora da época, como Beatles, Rolling Stones, Bob Dylan, Jovem Guarda, Rita Pavone. Enquanto eu sintonizava, entre uma rádio ou outra, entrava um ruído musical formado pelas rádios paraguaias e argentinas, com uma qualidade de recepção boa. Tocavam-se boleros, guarânias. Em busca da Excelsior eu passava pelas rádios argentinas e paraguaias, e também pela BBC. Eu tive essa universalidade de formação nessa época, que vai dos meus 5 aos 13 anos de idade. Eu acredito firmemente que a impressão, a digital sonora musical que você recebe, que o mundo imprime em você, tem muito mais poder nesse período da sua vida, que vai do período da gestação aos 12 anos, porque até essa idade você não tem filtro nenhum para contrapor ao que você ouve, é uma experiência extra-sensorial. Você não tem ferramentas racionais para digerir aquilo de uma maneira que te obrigue pela natureza do cérebro humano a decidir o que você gosta ou não gosta, as primeiras coisas entram meio que sem freio. Isso explica minha trajetória como compositor, minha aparente falta de estilo. É uma formatação pessoal de vários estilos, que mistura Delio e Delinha, com Beatles, Dylan. [...] Eu acredito que chega um momento na adolescência que você decreta sua liberdade formal e começa a ouvir rádio por conta própria. Entre 1964 até os anos 1970, comecei a escutar rádio a noite depois que a família dormia. Uma característica da época é que as rádios de fora você só ouvia à noite, pela propagação das ondas. Durante o dia só era possível ouvir as rádios regionais, e era durante a noite ele conseguia achar espaços próprios para ouvir o que queria, como a Rádio Excelsior de São Paulo, que tinha melhor recepção em casa. Esta só pegava a noite e eu só escutava em casa.” (SIMÕES, 2021)<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Entrevista realizada pelo autor com o compositor Paulo Simões, no dia 16/10/2021, em Campo Grande-MS



Durante os anos 60 e 70, compositores como Paulos Simões, Geraldo Roca e Geraldo Espíndola, começaram a procurar formas de expressão musical que pudessem contribuir com processo de desenvolvimento da cultura da cidade. Buscavam elementos externos, que se comunicavam com a ideia de modernidade e cosmopolitismo, como é o caso em destaque, do 'rock' e seus subgêneros, e também a MPB. Somados a estes, os gêneros já tradicionais no estado, principalmente as músicas paraguaias e caipiras, além das advindas da Bolívia, Peru e Argentina. (NEDER, 2014)

Um elemento marcante na obra de Simões é a figura do trem, imortalizado em sua canção de maior destaque, Trem do Pantanal, composta em 1975 em parceria com Geraldo Roca, cuja gravação mais conhecida foi realizada por Almir Sater em 1982. Simões relata um ponto crucial para sua formação musical, que aconteceu, segundo ele, provavelmente em dezembro de 1962 ou 1963. O compositor pegava o trem da ferrovia Noroeste do Brasil nas férias de fim do ano com suas irmãs rumo ao Rio de Janeiro, a cidade onde ele nasceu.

“O mais simbólico e fundamental disso é que eu era e sempre serei tarado por trens, por tudo o que significava pra mim. Era o símbolo da grande ida para o Rio de Janeiro, onde nasci, nas férias de fim de ano. Eu gostava do cheiro do trem, do sabor. Aproveitava cada segundo dentro do trem. Fui num momento desses que de repente entrou uma onda sonora de um vizinho de cabine que estava ouvindo provavelmente uma rádio de fora, que estava tocando She Loves You dos Beatles. Eu ainda não tinha escutado aquilo na rádio, e fiquei surpreso quando ouvi aquilo pela primeira vez. Soou imediatamente novo e decisivo para meus ouvidos. No trajeto da viagem para o Rio de Janeiro, fiz uma pausa em São Paulo, e lá eu conheci uma loja de discos em uma galeria no edifício Nações Unidas, entre a Avenida Paulista e a Avenida Brigadeiro Luís Antônio, e disse para o vendedor que queria ouvir a música que eu tinha ouvido no trem. O vendedor logo percebeu que se tratava dos Beatles e botou para tocar. Eu comprei um compacto dos Beatles. Eu nunca tinha comprado um disco, esse foi o primeiro que eu comprei.” - (SIMÕES, 2021)<sup>5</sup>

Era a primeira vez que uma produção musical própria feita na cidade, unia elementos urbanos, rurais, e latino-americanos. Essa nova música híbrida que estava nascendo, foi batizada décadas depois pelo compositor Geraldo Roca como MLC (Música do Litoral Central). O termo é uma derivação da “música litoraleña argentina”, na qual a Argentina denominou a Bacia do Prata de “litoral”, por conta do mesmo não ter acesso ao mar. (SILUS, PINTO apud NEDER, 2014, p. 784).

Influenciados pelos primeiros festivais de música popular da TV Record, a Rádio Educação Rural, a Aliança Francesa, o Jornal do Comércio e o Clube Surian realizaram em 1967 o I Festival de Música Popular Brasileira de Campo Grande. (CAETANO, 2012). Nessa primeira edição já era notável um conflito entre o regionalismo e músicas que eram baseadas no que acontecia fora do estado. A canção vencedora da categoria composições

<sup>5</sup> Entrevista realizada pelo autor com o compositor Paulo Simões, no dia 16/10/2021, em Campo Grande-MS

inéditas foi “Mané Bento, Vaqueiro do Pantanal”, interpretada por Jorge Antônio Siufi. Paulo Simões (SIMÕES apud PEREIRA, 2017) diz que foi um dos raros exemplos de proposta regional. A música seguia o ritmo da toada sertaneja, e os versos contavam o cotidiano de um vaqueiro do Pantanal, evidenciando uma música que revelava um Pantanal não romântico, com a realidade do vaqueiro e da prática da cavalgada.

Simões (SIMÕES apud Neder, 2014, p. 101) diz que ficou surpreso com a música vencedora, pois, através dela ele percebeu que o Pantanal e o então Mato Grosso poderiam ser tema de música, e também ficou impressionado com uma música falando do Pantanal ser apresentada com toda a imponência à elite de Campo Grande.

O Pantanal passaria a ser mais adiante um símbolo que representaria o estado na totalidade. Se tornaria uma peça chave, que tornaria propícia a construção de uma música popular urbana própria, com elementos que unissem o urbano e o rural.

Em 1968 é realizado o II Festival. Um dos destaques foi o grupo Os Bizarros, formado por Paulo Simões e Geraldo Espíndola, que mais adiante, em 1971, se tornaria um trio, com a entrada de Geraldo Roca. O grupo se apresentava com um figurino inspirado na Tropicália. A música escolhida por eles não eram uma composição original, e sim “2001”, música de Gilberto Gil, interpretada no Festival da Record pelos Mutantes. Era uma música que arriscou a fazer uma síntese entre o rural e o urbano. A participação do grupo no festival foi o primeiro passo na busca pelo modelo sul-mato-grossense de música, uma hibridização entre o rural e o urbano. (NEDER, 2014)

Os festivais de música popular de Campo Grande seguiram sendo realizados até 1974. Desses festivais, surgiram nomes como a família Espíndola, Paulo Simões, Almir Sater, Geraldo Roca, Guilherme Rondon, o Grupo Acaba, entre outros. Esse grupo de artistas tem um papel fundamental na história musical do estado. Foram fundamentais para a difusão da identidade cultural sul-mato-grossense e de suas belezas naturais, se ancorando principalmente no ícone do Pantanal.

#### **4 Os anos 1970, a hibridização musical rural/urbana e a divisão do Mato Grosso**

A década de 1970, foi marcada pela intensificação dessa busca de hibridização rural/urbana na área musical, por grande parte dos principais compositores e artistas do estado. No processo de construção dessa hibridização, gêneros rurais, paraguaios e platinos foram mescladas com gêneros de grandes centros do país e de fora.

Um nome de grande importância e contribuição para a construção identitária do Mato Grosso do Sul foi o artista plástico Humberto Espíndola. Suas primeiras obras são do final dos anos 60, mas seu trabalho ganhou bastante popularidade a partir dos anos 70.

As obras de Humberto tem como o tema central o boi. Com ele surgiu um movimento artístico chamado Bovinocultura. Nele, Humberto expressa a figura do boi como um retrato sarcástico da sociedade, relacionando o animal principalmente a dinheiro e poder.<sup>6</sup>

Suas obras foram nacionalmente reconhecidas, e ele foi uma das figuras envolvidas na reflexão acerca da realidade do Mato Grosso do Sul, moldada através da hibridização rural/urbano. (NEDER, 2014)

O trabalho de Humberto revisitou os debates quanto à questão agrária da região. Os compositores que fazem parte da MLC, incluíam questões relacionadas ao índio e ao paraguaio na pauta (NEDER, 2014, p. 117). Essa nova música que estava sendo criada, era resultado de uma hibridização entre chamamé, polca paraguaia, cateretê, 'rock', 'folk', 'pop' e moda de viola.

Não pode-se dizer que a música feita pela MLC expresse 100% a identidade sul-mato-grossense, mas foi de suma importância para que se proporcionasse um sentimento de pertencimento por boa parte da população do estado.

Essa nova música híbrida conseguia atrair as pessoas que não se sentiam representadas somente pela produção cultural feita nos grandes centros, e tampouco com as músicas rurais e mais tradicionais (NEDER, 2014, p. 120). Elas foram atraídas pela hibridização entre a tradição e a modernidade.

Em 11 de outubro de 1977, o então presidente militar Ernesto Geisel assinava a Lei Complementar n. 31, dividindo o estado do Mato Grosso, criando um estado, o Mato Grosso do Sul, tendo Campo Grande como capital. A divisão era uma pauta reivindicada pela elite ruralista e latifundiária, ou seja, a elite econômica da região.

Apesar de ter sido criado em 1977, o Mato Grosso do Sul só começou a funcionar como um novo estado em 1979, depois de finalizado um processo de estruturação necessário, para que se pudesse ter um novo centro administrativo que não dependesse mais do Mato Grosso. Paralelamente a isso, começou a ser discutida a questão da identidade cultural do novo estado recém-criado. Essa discussão acerca da identidade do estado cresceu bastante, considerando que a colonização do sul do Mato Grosso era bem distinta da do norte. O sul do estado tinha mais laços com o Centro-Sul do país, enquanto no norte a ligação era Norte/Nordeste. Não se sabia ao certo o que era a cultura sul-mato-grossense, e não se tinha uma clareza acerca da identidade cultural sul-mato-grossense. (NEDER, 2014).

---

<sup>6</sup> Informação retirada do site Enciclopédia virtual Itaú - <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8706/humberto-espindola>

## 5 Conclusão

De acordo com o resultado da pesquisa, pude verificar que por mais heterogênea que seja a música urbana sul-mato-grossense, existem alguns elementos que conectam a música desses compositores citados na pesquisa, que são os ritmos ternários advindos da fronteira e dos países platinos, a música caipira, em especial a mineira, e a música importada de fora do país, principalmente dos Estados Unidos e Inglaterra. A popularização da viola caipira no estado também se deve a presença forte da moda de viola na região.

O trem é um elemento lírico que marcou muito a primeira geração de artistas, pois foi através dele que esses artistas tiveram contato direto com os grandes centros urbanos do Brasil e também com os países vizinhos.

Ainda se tratando de questões líricas, o Pantanal também é um destaque, que passou a ter bastante relevância e se tornou um símbolo identitário a partir da criação do Mato Grosso do Sul. As belezas naturais do pantanal sul-mato-grossense marcam presença constante nas produções musicais do estado ao longo das décadas, até mesmo em produções mais recentes.

## 6 Referências Bibliográficas

CAETANO, G. A MÚSICA REGIONAL URBANA DE MATO GROSSO DO SUL. Revista NUPEM, UNESPAR, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 83 – 102, 2012. ISSN 2176-7912. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/view/218>. Acesso em: 20/09/2021.

CAETANO, G. L. ELITES LETRADAS E MÚSICA REGIONAL: UMA HISTÓRIA SOBRE A IDENTIDADE CULTURAL SUL- MATO-GROSSENSE. Fronteiras, UFGD, Dourados, v. 15, n. 26, p. 93 – 107, julho 2013. ISSN 2175-0742. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/2989>. Acesso em: 12/09/2021.

CULTURAL, E. I. Humberto Espíndola. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8706/humberto-espindola>. Acesso em: 04/10/2021.

DIFUSORA Pantanal. Disponível em: <https://www.difusorapantanal.com.br/sobre>. Acesso em: 01/11/2021.

DOCUMENTÁRIO Espíndola Canta. Jerry Espíndola. Campo Grande: Black Vídeo Produção, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AEil03ezZ3U>. Acesso em: 02/11/2021.

FREITAS, E. P. de. CORUMBÁ (MS) E AS METAMORFOSES NAS POLÍTICAS BRASILEIRAS DE ORDENAMENTO TERRITORIAL E SEUS IMPACTOS NA REGIÃO DE FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA. Portal de Periódicos da UEMS, UEMS, Campo Grande, p. 16 – 29, 2017. ISSN 2447-9195. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/1659>. Acesso em: 05/11/2021.

GONÇALVES, R. T. O lugar da música tradicional paraguaia no cenário cultural de Campo Grande (MS). 2014. 196 p. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação - Mídia, regionalidade e identidade) — UFMS. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/2756>. Acesso em: 04/11/2021.

GUIZZO, J. O. A moderna música popular urbana de Mato Grosso do Sul. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2012. 54 p.

NEDER, A. Enquanto Este Novo Trem Atravessa o Litoral Central: Música Popular Urbana, Latino-americanismo e Conflitos Sobre Modernização em Mato Grosso do Sul. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2014. 339 p.

PENA, R. A. Fundação do Mato Grosso do Sul. 10/2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/mato-grosso-sulfundacao.htm>. Acesso em: 06/11/2021.

PEREIRA, J. P. R. UM POVO SEM IDENTIDADE CULTURAL DEFINIDA”: JOSÉ OCTÁVIO GUIZZO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SULMATO-GROSSENSE (1967-1989). 2017. 125 p. Dissertação (Pós Graduação em História) — UFGD. Disponível em: <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2019/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Um-povo-sem-identidade-cultural-definida-Jos%C3%A9-Oct%C3%A1vio-Guizzo.pdf>. Acesso em: 16/08/2021.

SILVA, D. N. “Guerra do Paraguai”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/guerra-paraguai.htm>. Acesso em: 05/10/2021.

SMINK, V. 150 anos do fim da Guerra do Paraguai: a história do conflito armado mais sangrento da América Latina. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51693818> .Acesso em: 05/06/2021.